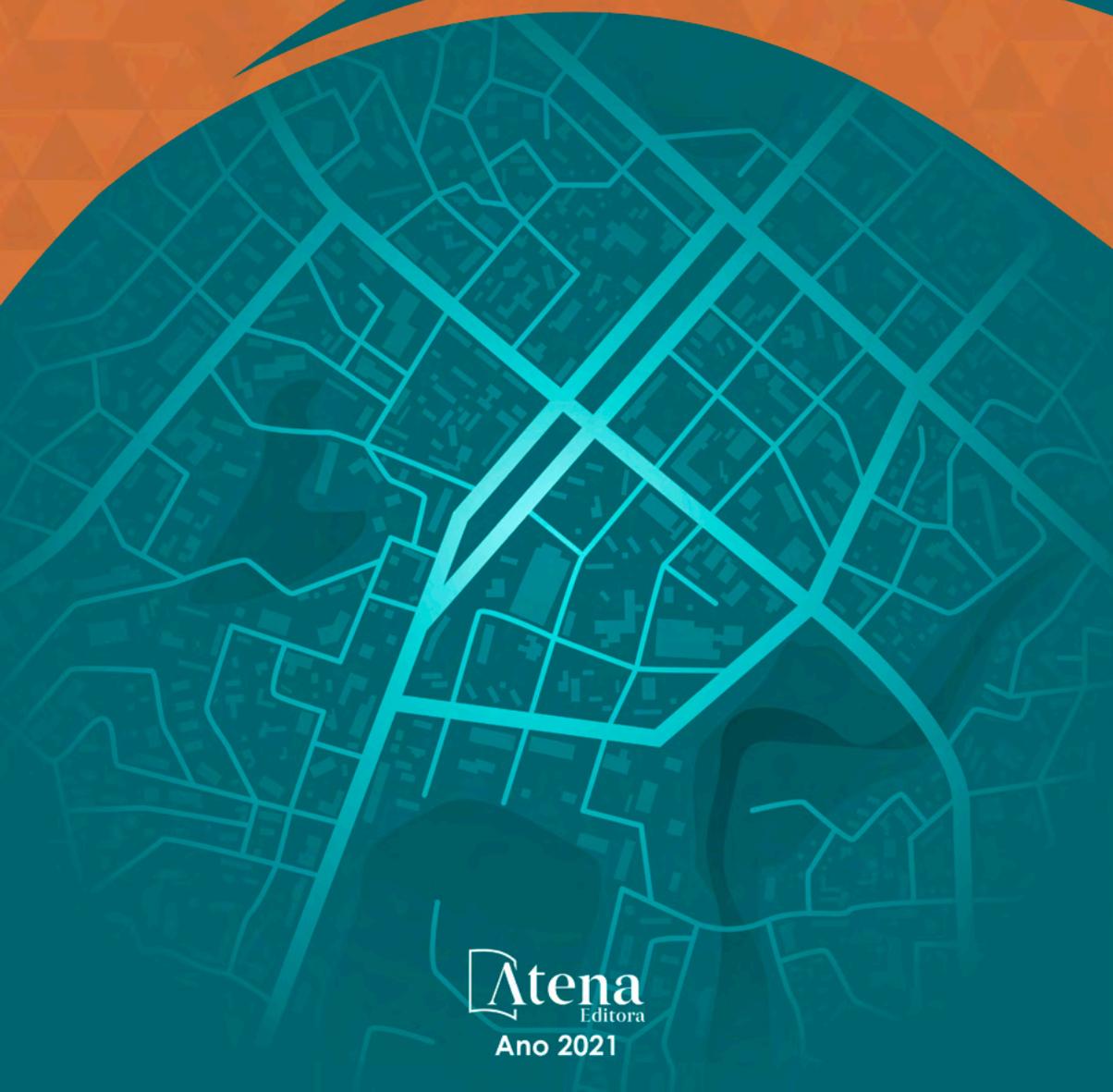


# Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2

Pedro Henrique Máximo Pereira  
(Organizador)

A stylized city map graphic in shades of teal and orange, showing a network of streets and blocks. The map is semi-circular and occupies the lower two-thirds of the cover.

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2

Pedro Henrique Máximo Pereira  
(Organizador)

Atena  
Editora

Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2

**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Pedro Henrique Máximo Pereira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M521 Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2 /  
Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-491-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.914212009>

1. Planejamento urbano e regional. I. Pereira, Pedro  
Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 711

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

O ambiente de crise deixado pela pandemia da COVID-19 anuncia, como resposta direta a ele, um forte retorno do Planejamento Urbano e Regional como prática central para a viabilização de saídas possíveis para os mais diversos territórios e escalas territoriais. Sua revalorização está em curso após uma década marcada pela prática distendida, esgarçada e pouco ressonante de Planejamento, provocada pelo agravamento do neoliberalismo, no Brasil e na América Latina.

O segundo volume do livro “Melhores práticas em Planejamento Urbano e Regional”, publicado no contexto da pandemia pela Atena Editora, visa contribuir com tal debate e reforçar o ambiente de valorização das boas práticas de Planejamento. Ele é composto por onze capítulos. Em seu conjunto de debates há uma diversidade de temas, regiões e cidades do Brasil e América Latina. Também é diversa a origem de seus autores, fato que dá pluralidade às abordagens aqui organizadas.

O Planejamento Urbano e Regional, vale salientar, é essencialmente um campo de reflexões, investigações e práticas inter, multi e transdisciplinar. Conta com a cooperação e a colaboração de diversas áreas do conhecimento que emprestam, além de seus conceitos, seus métodos diagnóstico-analíticos e prático-propositivos. Almeja, em síntese, compreender o território, levantar seus dilemas, destacar seus problemas, revelar suas potencialidades e traçar, por meio de um conjunto de prioridades amplamente debatido, futuros possíveis visando o bem comum, coletivo e social. Deste modo, o Planejamento é um campo de tensões políticas por natureza, pois lida com diversos interesses e setores da sociedade, além de enfrentar questões emergentes e persistentes nas áreas urbanas e regiões.

Assim sendo, soma-se às desigualdades historicamente fabricadas nas cidades brasileiras e latino-americanas e às incertezas econômicas deixadas pelos eventos globais de 2008-2009 e suas repercussões até o presente, o agravamento das questões ambientais e sanitárias descortinados pela pandemia. Já é consenso que a pandemia não somente trouxe novos problemas, mas agravou os já existentes, tornando mais visíveis suas inequívocas violações à condição humana.

Neste volume, como resposta a este panorama, o leitor e a leitora encontrarão, com forte tom crítico e propositivo, trabalhos que expõem reflexões sobre a Mobilidade Urbana, Infraestruturas, Educação Ambiental, Resíduos Sólidos, Migração, Espaço Público, Patrimônio Cultural Edificado, Expansão Urbana, Exclusão e Desigualdade Socioespaciais, Metropolização, Diversidade Regional, Cidades Médias e, por fim, o papel do Projeto e do Redesenho de Áreas Preexistentes. Estes temas são debatidos a partir de cidades e regiões do Brasil, Caribe, Peru e México, perfazendo um importante e diverso conteúdo, talvez panorâmico, para o Planejamento Urbano e Regional destes países latino-americanos.

Estimo a todos e todas excelente leitura!

Pedro Henrique Máximo Pereira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A MOBILIDADE URBANA COMO DIREITO EFETIVO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA SUSTENTÁVEL EM UM RIO DE JANEIRO PÓS-OLÍMPICO

Diego Sebastian Carvalho de Souza

Ricardo de Freitas Cabral

Ricardo José Pereira Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120091>

### **CAPÍTULO 2..... 11**

ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DE INFRAESTRUTURAS EM BORDES COSTEIROS: ASPECTOS HISTÓRICOS DA CIDADE DO PANAMÁ E SEU CANAL / CARIBE

Carlos Andrés Hernández Arriagada

Guilherme Alexandre Gallo Cavenaghi

Mariana Ragazzi Mendes

Eduardo Riffo Durán

Nicolás Parra Urbina

Paulo Roberto Correa

Luis Rogério Pupo Gonçalves

Raquel Ferraz Zamboni

Paula von Zeska de Toledo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120092>

### **CAPÍTULO 3..... 33**

QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL INSERIDA NO PLANEJAMENTO URBANO

Paula Scherer

Mariela Camargo Masutti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120093>

### **CAPÍTULO 4..... 41**

IMPLEMENTACION DE INDICADORES PARA EL ESTUDIO DEL SISTEMA DE GESTION DE RESIDUOS SOLIDOS DE LA MUNICIPALIDAD DE ILO

Marco Alexis Vera Zúñiga

Maryluz Cuentas Toledo

Osmar Cuentas Toledo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120094>

### **CAPÍTULO 5..... 51**

A INFLUÊNCIA DOS MIGRANTES NA FORMAÇÃO URBANA DE SALVADOR

Roberto Pereira de Souza Filho

Liamara Xavier Sena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120095>

<b>CAPÍTULO 6.....</b>	<b>66</b>
EVALUACIÓN DE LAS OBRAS CIVILES EN LOS ESPACIOS PÚBLICOS DEL CENTRO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE PUNO	
Christian Antony Morales Zamalloa	
Maryluz Cuentas Toledo	
José Luis Morales Rocha	
Daniel Quispe Mamani	
Osmar Cuentas Toledo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120096">https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120096</a>	
<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>82</b>
EXPANSÃO URBANA E EXCLUSÃO TERRITORIAL: A OCUPAÇÃO DO JARDIM CAMPOS VERDES NA CIDADE DE CAMBÉ/PR	
Jéssika Vieira Marques	
Sandra Maria Almeida Cordeiro	
Caroline Berger de Paula	
Léia Aparecida Veiga	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120097">https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120097</a>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>94</b>
ASPECTOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE ARACAJU-SE	
Danillo Felix de Santana	
José Carlos Santos Cunha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120098">https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120098</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>106</b>
ESTUDIO SOCIOECONÓMICO COMPARATIVO POR REGIONES DEL ESTADO DE OAXACA, MÉXICO	
Ana Luz Ramos-Soto	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Ana Mi Gómez Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120099">https://doi.org/10.22533/at.ed.9142120099</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>126</b>
GEORG SIMMEL E A REFLEXÃO SOBRE O CRESCIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS	
Simone Pereira da Costa Dourado	
Maria Isabel Trivilin	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.91421200910">https://doi.org/10.22533/at.ed.91421200910</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>145</b>
REDESENHO URBANO EM FEIRA DE SANTANA- BAHIA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO BAIRRO DA MANTIBA	
Daianny Teles Gomes Cordeiro Ismerim	
Marília Moreira Cavalcante	

Ana Licks Almeida Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91421200911>

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>160</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>161</b>

## A INFLUÊNCIA DOS MIGRANTES NA FORMAÇÃO URBANA DE SALVADOR

*Data de aceite: 02/09/2021*

**Roberto Pereira de Souza Filho**

**Liamara Xavier Sena**

**RESUMO:** A história do Brasil foi marcada por intensos movimentos migratórios desde o seu surgimento. Evidentemente, a depender do volume do fluxo migratório em questão e das dinâmicas envolvendo a ocupação territorial, o espaço urbano será influenciado em intensidades distintas. Nessa perspectiva, esse artigo de caráter descritivo-explicativo se dedica a analisar a influência dos migrantes (de outras nacionalidades) na formação urbana da cidade do Salvador. Assim, serão apresentadas algumas noções gerais, por meio de uma breve recapitulação de conceitos importantes e obras relevantes para a temática, de modo a facilitar a compreensão do conteúdo, além do mapeamento dos principais fluxos migratórios (mais relevantes para a discussão traçada). Serão, ainda, apontadas as alterações que ocorreram no espaço decorrentes desses fluxos, além da apresentação de dados para definir se a realidade urbana atual realmente pode ser relacionada a esses processos, através do levantamento dos IDH da população por bairros – além, evidentemente, do levantamento bibliográfico que guiará a análise. Por fim, foi possível concluir que a falta de planejamento estratégico de longo prazo acabou deixando

a formação urbana da cidade a mercê dos interesses dos grupos de pressão, culminando numa cidade cheia de disparidades entre suas regiões e no favorecimento de uma elite constituída e, por muito tempo, inquestionável.

**PALAVRAS - CHAVE:** Cidade. Migração. Salvador.

### THE INFLUENCY OF EMIGRANTS ON THE URBAN FORMATION OF SALVADOR

**ABSTRACT:** Brazil's history has been marked by intense migratory movements since its emergence. Evidently, depending on the volume of the migratory flow in question and the dynamics involving territorial occupation, it is possible that the urban space will be influenced in many different ways. In this perspective, this descriptive and explanatory article is dedicated to analyze the influence of migrants (of other nationalities) in the urban form of the city of Salvador. Thus, some general notions will be presented, carried out by means of a brief review of important concepts and works relevant to the theme, in order to facilitate the understanding of the content, in addition to the mapping of the main migratory flows (most relevant to the outlined discussion). It will also be pointed out the changes that occurred in space resulting from these flows, in addition to the presentation of data to define whether the current urban reality can really be related to these processes, by surveying the population profile by neighborhood. Finally, it is possible to conclude that the lack of long-term strategic planning ended up leaving the urban form of the city at the mercy of the interests of pressure groups, culminating

in a city full of disparities between its regions and favoring a constituted elite and, for a good while, unquestionable.

**KEYWORDS:** City. Migration. Salvador.

## 1 | INTRODUÇÃO

A formação urbana de qualquer cidade está sujeita a um processo histórico cujos fluxos migratórios desempenham um dos papéis de destaque (Matos, 2012). Não apenas devido ao contingente populacional, uma vez que fatores como cultura, renda da população e atividades econômicas também são de extrema importância para determinar a disposição do espaço de qualquer cidade.

Quase toda a história brasileira está envolvida em processos migratórios mais ou menos expressivos, do início da colonização por Portugal até a atualidade. Evidentemente, as diversas culturas abarcadas em todo o território nacional deram origem a espaços com características próprias, resultado da interação entre povos e das dinâmicas de poder estabelecidas. Essa relação entre migração e formação urbana foi fortemente presente em praticamente todo o continente americano, de norte a sul - uma vez que grande parte do processo de ocupação se iniciou por conta da colonização europeia, motivada pelas Grandes Navegações. Entretanto, o foco do presente trabalho será a conexão no que diz respeito à Salvador, destacando os principais fluxos migratórios da história da cidade.

A natureza desse fluxo, por sua vez, pode ser interna (no caso de ocorrer dentro das fronteiras do país, como é o caso de migrações entre a Bahia e São Paulo, por exemplo) ou externa (quando o deslocamento ultrapassa as fronteiras nacionais, representando uma migração para um país distinto do de origem), sendo essa distinção fundamental para que o presente artigo atinja seu objetivo: evidenciar a influência dos migrantes externos na formação urbana de Salvador.

Para isso, será necessário não apenas o esclarecimento de alguns conceitos básicos, como também um breve apanhado histórico dos fluxos migratórios mais relevantes em Salvador e suas influências na formação urbana da cidade, além da apresentação de indicadores para verificar se essa influência ainda pode ser observada nos dias atuais.

Dessa maneira, o presente artigo toma como principais referenciais teóricos o trabalho de Ralfo Matos intitulado de Migração e Urbanização do Brasil, além de fazer um apanhado de trabalhos que remontem a história de migratória e urbana de Salvador, como pode ser visto em Vasconcelos (2006) e Sampaio (2009).

Nesse sentido, a organização das informações foi feita de maneira a apresentar inicialmente o devido referencial teórico (com conceitos e informações importantes para a compreensão do texto), seguido da identificação dos principais fluxos teóricos presentes ao longo desde a fundação de Salvador e das marcas que eles deixaram na cidade. Dessa maneira, após traçar um breve perfil dos bairros com a ajuda de dados que revelam o

Índice de Desenvolvimento Humano das diferentes localidades do município de Salvador, o trabalho se encaminha para as considerações finais.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Referencial teórico

Compreender a economia regional é essencial para entender as dinâmicas que deram origem a diversos processos dentro da formação urbana de uma cidade. Souza (1981) define esse ramo, ao remontar aos escritos de Dubey, como:

“A Economia Regional compreende o estudo da diferenciação espacial, das inter-relações entre as áreas dentro de um sistema nacional de regiões, enfrentando um universo de recursos escassos, desigualmente distribuídos no espaço e imperfeitamente móveis (cfe. Dubey, 1977)” (Souza, 1981, p. 71.)

Assim, a Economia regional é marcada por ter como objeto elementos voltados para a compreensão do processo de desenvolvimento em diversas regiões, de modo a entender como se dão as disparidades entre desenvolvimentos de regiões e compreender como potencializar isso para diminuir a assimetria em relação ao desenvolvimento socioeconômico e inter regiões.

Outro conceito muito importante de ser trabalhado é o conceito de espaço, o qual só foi incorporado na análise regional num segundo momento, vez que o tradicional modelo neoclássico tornava imperativo a simplificação máxima da realidade para funcionar, implicando na desconsideração da importância do espaço e suas consequências (diferentes constituições, opções de transporte, distância, etc) (Souza, 1981). Questionamentos posteriores de autores como Boudeville<sup>1</sup> e Milton Santos<sup>2</sup> colocaram esse entendimento em cheque e apontaram para a presença do espaço como elemento estrutural, dando início ao que veio a ser conhecido como Economia Regional.

Se o assunto é formação urbana, se faz fundamental delimitar quais são as áreas de análise, uma vez que ainda que o foco seja uma cidade, existem divisões econômico-sociais dentro dela. Além disso, a compreensão do espaço enquanto algo em constante transformação que está sujeito a transformações de acordo com elementos como a passagem do tempo e as dinâmicas de poder, se tornam imperativos para justificar os recortes realizados no presente artigo, além de prover sustentação teórica para as inferências que decorrem deles.

Esse espaço, objeto da Economia Regional, não é um conceito completamente aberto, se referindo ao espaço no qual as atividades econômicas ocorrem. Obviamente, existem distinções majoritárias como espaço urbano e rural, sendo o segundo marcado pela baixa concentração populacional e enfoque em atividades econômicas do setor primário e

<sup>1</sup> Quando trabalha a ideia de espaço econômico (Souza, 1981);

<sup>2</sup> Quando atrela os objetos e ações como partes importantes que integram a definição de espaço (Santos, 2002);

o primeiro pela alta densidade demográfica e enfoque de atividades do setor secundário e de serviços.

Andrade e Brandão (2009, p 13) definem espaço urbano como “uma síntese das ações do homem acumuladas, ao longo do tempo, a partir de suas expressões concretas, marcando nas formas das cidades, estilos, tendências, perspectivas e dinâmicas de períodos passados”. Entretanto, ao compreender o espaço urbano dessa maneira, dois elementos ganham bastante destaque para entender sua formação: o tempo e as dinâmicas de poder.

A passagem do tempo gera alterações diretas resultantes da modernização gradual do espaço, que em larga escala pode ser vista pela atualização de sistemas de transporte urbano, por exemplo. Entretanto, limitar o valor da passagem do tempo ao processo de modernização se constitui em erro crasso de qualquer análise (Matos, 2012), vez que também comporta, principalmente em centros urbanos como Salvador, o elemento do aumento populacional.

Ao passo em que o aumento populacional pode ser observado em escala mundial (ainda que regionalmente haja exceções), regionalmente pode-se destacar as três principais motivações para que ele ocorra: maior natalidade, maior expectativa de vida e fluxos migratórios.

Obviamente, se as unidades familiares têm uma média alta de filhos, a tendência é que, a longo prazo, a população total do município em questão cresça. Ainda que fatores como mortalidade infantil tenham peso, a taxa de natalidade de uma região, cidade, estado ou país está extremamente ligada não apenas à cultura do povo, como também ao nível de desenvolvimento socioeconômico da localidade, vez que a difusão de métodos contraceptivos e o planejamento familiar, dependem justamente de fatores como educação e saúde, principalmente no que diz respeito a populações mais vulneráveis.

Tendo isso em vista, o avanço da medicina moderna também vem gerando diversas alterações na dinâmica da sociedade, dentre elas o aumento da expectativa de vida é o principal responsável que convivem simultaneamente. Sem dúvidas, também se constitui em fator de extrema importância para o crescimento populacional, sendo possível correlacionar, por exemplo, ambos os índices. Como é possível ver a seguir, para fins comparativos, a tabela 1 engloba todas as capitais do Brasil e apresenta os respectivos índices de esperança de vida ao nascer e a população total das cidades, nos anos referentes aos censos demográficos promovidos pelo IBGE.

Capitais Brasileiras	Esperança de vida ao nascer - 1991	Esperança de vida ao nascer - 2000	Esperança de vida ao nascer - 2010	População total - 1991	População total - 2000	População total - 2010
Aracaju	63,33	68,72	74,36	402.341	461.534	571.149
Belém	67,62	70,5	74,33	1.084.996	1.280.614	1.393.399
Belo Horizonte	68,64	72,03	76,37	2.019.121	2.238.514	2.375.151
Boa Vista	64,27	68,47	73,95	122.330	200.568	284.313
Brasília	68,87	73,86	77,35	1.601.094	2.051.146	2.570.160
Campo Grande	68,04	70,43	75,62	526.126	663.621	786.797
Cuiabá	67,47	70,67	75,01	402.813	483.346	551.098
Curitiba	68,7	72,75	76,3	1.315.035	1.587.315	1.751.907
Florianópolis	71,25	74,35	77,35	258.544	342.695	421.240
Fortaleza	65,95	69,63	74,41	1.764.892	2.135.544	2.452.185
Goiânia	68,06	72,73	75,28	922.100	1.096.077	1.302.001
João Pessoa	64,6	68,22	74,89	497.600	597.934	723.515
Macapá	66,39	70,21	74,19	166.968	283.308	398.204
Maceió	60,65	65,03	72,94	629.041	797.759	932.748
Manaus	65,87	68,6	74,54	1.011.501	1.405.835	1.802.014
Natal	66,59	70,11	75,08	606.757	710.669	803.739
Palmas	64,61	70,71	74,61	23.829	137.355	228.332
Porto Alegre	69,87	73,65	76,42	1.251.898	1.360.590	1.409.351
Porto Velho	62,99	67,22	74,14	271.441	334.661	428.527
Recife	65,57	68,62	74,5	1.310.259	1.422.905	1.537.704
Rio Branco	66,02	68,43	72,85	184.771	253.491	336.038
Rio de Janeiro	67,85	70,26	75,69	5.480.768	5.857.904	6.320.446
Salvador	65,73	69,64	75,1	2.077.108	2.443.480	2.675.656
São Luís	65,18	69,19	73,76	691.596	857.387	1.014.837
São Paulo	69,51	72,75	76,3	9.652.391	10.437.203	11.253.503
Teresina	67,45	69,06	74,22	590.568	707.994	814.230
Vitória	67,87	70,74	76,28	258.977	292.944	327.801

Figura 1 - Relação da população total e da esperança de vida ao nascer das capitais brasileiras e Distrito Federal

Fonte: Elaboração própria. Dados do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil.

*O recorte das capitais foi realizado porque a dinâmica pode sofrer variações a depender da localidade ser um centro urbano ou não. Assim, tendo em vista que o objeto do presente estudo é Salvador, foram selecionadas cidades com perfis semelhantes. Uma breve análise da tabela torna evidente que em todos os casos, de um censo para outro, o aumento populacional estava acompanhado do aumento da expectativa de vida ao nascer.*

O terceiro ponto, que será trabalhado durante o artigo inteiro, são os fluxos migratórios. Toda vez que há um deslocamento substancial de pessoas entre regiões distintas (migração e emigração), fluxos migratórios podem ser identificados. Apesar de poderem ocorrer dentro de regiões de um mesmo país, o enfoque aqui será nos que ocorrem entre diferentes nações (motivados desde a busca para ter melhores condições de vida, até perigo iminente à vida do migrante em seu país de origem, por exemplo). Dessa forma, ainda que acompanhe os dois casos anteriores ao aumentar a densidade populacional e, conseqüentemente, pressionar pela eventual atualização da estrutura urbana para comportar o aumento da demanda, fluxos migratórios possuem outro fator de

extrema importância quando se fala em formação urbana: a cultura.

A cultura de um povo pode ser expressada por costumes, mas, numa cidade, geralmente também é possível observá-la através do próprio estilo arquitetônico da região. Regiões urbanas que foram acumulando diferentes fluxos migratórios ao longo de sua história, como Salvador, tendem guardarem marcas perceptíveis em sua estrutura urbana, seja na disposição do sistema de transporte, no estilo arquitetônico de determinado conjunto ou na valoração em determinadas regiões, como será demonstrado ao longo do texto. Nessa perspectiva, fluxos migratórios externos têm a potencialidade de criar novos grupos de pressão<sup>3</sup> na região de destino, alterando as dinâmicas de poder local e, conseqüentemente, alterando a cidade fisicamente.

A partir de tudo o que fora apresentado, se torna mais fácil compreender de que forma os fluxos migratórios influenciaram a formação urbana de Salvador. A primeira tarefa, todavia, é definir quais foram os principais fluxos migratórios vivenciados por Salvador.

Desde sua fundação, a atual capital baiana é o destino de muitos fluxos migratórios que ganharam força no Brasil. O mais longo e intenso foi o que se originava no continente africano, devido ao longo processo de escravização que ocorreu e a utilização em larga escala desse tipo de mão de obra no país. Com as invasões estrangeiras no território português da América Latina, Portugal também se viu compelido a estimular a ocupação do território para consolidar a colonização e garantir frutos futuros da então metrópole. Outros fluxos migratórios mais pontuais também merecem bastante destaque, como os originados de países europeus como a Inglaterra, Alemanha, França e Espanha, ainda que tenha tido natureza mais pontual.

## **2.2 Principais fluxos migratórios externos com destino a Salvador**

Andrade e Brandão (2009), em trabalho intitulado de Geografia de Salvador, remontam desde a colonização até a primeira década do século XXI as principais transformações urbanas vivenciadas pela cidade de Salvador, abordando também suas respectivas motivações. É com essa perspectiva que esses autores destacam 5 fluxos migratórios que tiveram impacto extremamente relevante na formação urbana da cidade, cujas origens são: Portugal, Inglaterra, Alemanha, França, países do continente africano e Espanha. Existem ainda, outros processos migratórios como o italiano, por exemplo - mas, por conta do recorte, não farão parte dessa breve análise.

Os portugueses, devido à histórica relação colonial entre Portugal e Brasil, foram os grandes protagonistas de dois grandes fluxos migratórios envolvendo a cidade do Salvador: a migração inicial no momento em que a cidade foi fundada (o maior deles) e a chegada da família real.

---

<sup>3</sup> Grupos de pressão são genericamente definidos pela ciência política como grupos de pessoas que possuem interesses em comum que, de forma coordenada, pressionam agentes governamentais para que seus interesses sejam atendidos. Ainda que não seja uma prática aberta, a formação de grupos de pressão é natural, para potencializar a urgência de demandas de determinados segmentos da população (Bonavides, 2001).

Salvador foi fundada para cumprir duas grandes (e necessárias) funções: sedimentar a ocupação da então América portuguesa, vez que a tentativa anterior por meio das capitânicas hereditárias havia falhado, e a proteção do território a possíveis invasores - como os espanhóis, que ocuparam quase todo o resto da América Latina. Andrade e Brandão (2009) destacam ainda a própria planta utilizada para fundar a cidade em cima de uma falha tectônica: ponto estratégico para observar a baía, águas serenas o suficiente para a presença de um porto e muros que facilitava a defesa em casos, por exemplo, de ataques surpresa dos povos indígenas que se refugiavam dos portugueses mais no interior de florestas.



Figura 2 - Reconstituição da planta original de Salvador, trazida por Tomé de Souza em 1549

Fonte: SAMPAIO (1949), p 148.

Com uma estrutura administrativa bem consolidada e incentivos da Coroa Portuguesa, Salvador passou a atrair a atenção de alguns portugueses e se tornou o destino de famílias que procuravam se consolidar no novo território. Ainda que a estrutura urbana ainda estivesse muito aquém das cidades portuguesas, havia em Salvador a oportunidade de formar uma nova estrutura social, fator que também fortaleceu esse primeiro fluxo migratório (Andrade e Brandão, 2009).

Num segundo momento, a primeira capital do Brasil também ganha força na função

portuária, se tornando o grande centro comercial brasileiro. Com o acúmulo de tantas funções de extrema importância para o funcionamento da então colônia, Salvador se consolida como um forte destino de migração portuguesa. Ainda que mais intenso durante esse período, o fluxo migratório português com destino à atual capital baiana foi constante durante muito tempo

Entretanto, com o fim do ciclo do açúcar e o início do ciclo do ouro (início do século XVIII), as atenções se voltaram para o interior do Brasil (destaque para a cidade do Rio de Janeiro, que se tornou o novo centro administrativo da colônia e para a região de Minas Gerais, batizada justamente pelas enormes reservas de metais preciosos como o ouro). Nesse período, Salvador perdeu força enquanto destino de fluxos migratórios, pois a verdadeira oportunidade de enriquecer estaria mais no interior, onde se localizavam as enormes reservas.

A cidade do Salvador só foi receber outra leva de migrantes com a chegada da família real em 1808. Contextualizando historicamente, em janeiro de 1808 D. João, regente de Portugal, chega no porto de Salvador acompanhado da família real e de boa parte da corte portuguesa. Evadindo de Portugal durante a invasão napoleônica, devido aos acordos firmados (e mantidos) com a Inglaterra, o governo português não poderia centralizar suas atividades no país natal, sendo necessário reformular a todo o funcionamento administrativo do Brasil para comportar tais tarefas.

Ainda que o destino final da coroa portuguesa fosse o Rio de Janeiro, Salvador foi a sede de um dos marcos mais importantes da época: a quebra do pacto colonial através da abertura dos portos.

O pacto colonial representava a necessidade da colônia manter relações comerciais única e exclusivamente com a metrópole (no caso em questão, Portugal). Se tratava de prática relativamente comum, principalmente no que se diz respeito às colônias de exploração, cujo objetivo da metrópole é explorar ao máximo os recursos naturais e as atividades econômicas da colônia de modo a potencializar seus lucros. Entretanto, com a perda do controle da metrópole e a necessidade de manter as relações comerciais com a Inglaterra, D. João não teve outra alternativa: precisou autorizar que os portos brasileiros mantivessem relações comerciais com outras nações.

Ainda com perda do status de capital, Salvador ainda era um importante entreposto comercial e toda essa alteração na dinâmica comercial do país originou um novo fluxo migratório de comerciantes (principalmente) alemães e ingleses no século XIX, que vieram atraídos pelas oportunidades comerciais da cidade portuária.

Barreto e Aras (2003) apontam para as “sucessivas crises do açúcar e as crescentes dificuldades impostas ao tráfico negreiro” como principais motivações de mudança de perfil da de Salvador. A cidade deixava de ser voltada para a exportação de açúcar e passava a se concentrar na atividade comercial, além de se constituir em um importante centro urbano da época, atraindo ingleses (desde a abertura dos portos), franceses e alemães

(principalmente após a independência do Brasil, em 1822).

Apesar da relevância de todos os fluxos supracitados, o mais volumoso e que durou mais tempo não foi nenhum deles. O tráfico negreiro perdurou do século XV até meados do século XIX e ainda que Salvador fosse apenas passagem para boa parte dos negros escravizados durante esse período, parte deles ficaram na atual capital baiana. Com o avanço do movimento abolicionista, que culminou na promulgação da Lei Áurea de 1888 (responsável por abolir a escravidão), muitos negros e mestiços obtiveram a alforria, mas com a ausência de um processo de transição que fornecesse elementos básicos para uma vida digna nesse momento, essa parcela da população baiana foi marginalizada (como ocorreu em todo o país). Desse modo, as consequências dessa negligência podem ser observadas até os dias atuais na própria formação urbana da cidade, como será explicitado na próxima seção.

Imigrantes da Espanha, por sua vez, chegaram comparativamente tarde em Salvador, vez que o fluxo só realmente ganhou força com a sobreposição entre o período de abolição da escravidão no Brasil (necessidade de mão de obra) e a manutenção da estrutura fundiária da Espanha. Esse fluxo migratório ganhou importância e destaque para a formação urbana da cidade de Salvador justamente pelo caráter predominantemente urbano e pelo volume. Conforme levantamento de estudos e dados feito pelo IBGE (2020), Salvador foi a terceira cidade do país a mais receber imigrantes espanhóis (perdendo em contingente apenas para Santos e para o Rio de Janeiro), além de se destacar das demais em relação ao movimento de entrada:

“Os espanhóis que se dirigiram para a capital baiana não participavam dos programas de imigração. Chegavam com emprego garantido, chamados por patrícios e parentes ali estabelecidos, proprietários bem-sucedidos de pequenos estabelecimentos comerciais, bares e hotéis” (IBGE, 2020)

Sendo assim, os espanhóis já chegaram em Salvador ingressando em atividades econômicas de um centro urbano de porte considerável.

É possível concluir, portanto, que os fluxos migratórios brevemente analisados foram bastante importantes na história da capital baiana. Uma vez estabelecido esse entendimento, é possível observar de que modo a formação urbana da cidade foi influenciada.

### **2.3 Expressões dos fluxos migratórios na formação urbana de Salvador**

Comportar tantas culturas distintas dentro de um processo histórico complexo gera marcas físicas em qualquer lugar do mundo e em Salvador não poderia ser diferente. Ainda assim, diferente de muitas cidades brasileiras, a capital baiana se destaca pois assumiu papel central desde o início da colonização e, mesmo que sua importância tenha oscilado ao longo dos séculos, se manteve extremamente relevante. Em outras palavras, a grande força de atratividade comum aos centros urbanos, foi potencializada e amplificada nesta cidade, de modo a guardar até os dias atuais marcas do tempo e das culturas que comportou.

Para compreender quais são as principais marcas na formação urbana da cidade do Salvador, será necessário resgatar os fluxos migratórios anteriormente levantados.

Andrade e Brandão (2003) trazem luz à aplicação inicial do urbanismo português na própria fundação da cidade. O urbanismo português marcou a cidade de Salvador desde a escolha do local em que foi fundada, até a forma como o sítio urbano da cidade foi construído. Nessa atmosfera, a escolha do local foi motivada não apenas pela conexão com uma baía de águas calmas o suficiente para a construção do porto, como também pela existência de uma escarpa<sup>4</sup> e a localização da acrópole (terreno elevado) no ponto oposto ao porto.

Essa configuração não apenas fornecia uma vantagem logística, como também defensiva, dando origem à Cidade Alta e à Cidade Baixa, formatação que ainda persiste até os dias atuais - ainda que tenha ocorrido mudanças e expansões em seus respectivos interiores.

Os prédios públicos voltados para funções administrativas, hospital e colégio, assim como as principais casas e construções de teor religioso eram privilegiadamente localizados na Cidade Alta, de modo a priorizar determinados grupos de interesse. Ora, desde o seu princípio é evidente que a distribuição espacial da cidade do Salvador foi pautada pelos grupos de pressão, característica essa que pode ser observada ao longo de toda a história.

Ao passo que a realidade da Cidade Baixa era de fragilidade. Não apenas a população que lá se concentrava estava muito mais sujeita a ataques surpresas de invasores estrangeiros ou indígenas, como também o próprio espaço era bastante limitado.

A cidade em si passou por fase de crescimento territorial ligeiramente limitado devido a necessidade de proteger as funções administrativas lá exercidas. Com o passar do tempo, a transferência de capital para a cidade do Rio de Janeiro e a abertura dos portos, já pontuada anteriormente, o segundo grande fluxo migracional de Salvador veio focado nas atividades comerciais. Entretanto, foram responsáveis pela consolidação de muitos bairros que até hoje são considerados mais nobres.

Os recém chegados comerciantes ingleses, alemães e franceses (Barreto, 2003) se viram em um dilema: queriam ficar em Salvador, mas seu centro era incompatível com seus costumes. A arquitetura portuguesa que dominava regiões como o pelourinho era considerada insalubre, vez que tradicionalmente essas culturas apreciavam residências mais amplas, com maior ventilação e higiene. Para solucionar essa problemática, acabaram dando origem à bairros como o da Vitória, onde se instalaram e deram início a mais um processo de expansão da cidade<sup>5</sup>.

Esse processo de estabelecimento de residência de comerciantes em localidades mais afastadas durante o século XIX foi essencial para o deslocamento do centro comercial e financeiro para essa parte da cidade. Boa parte de elementos desse centro continuam

---

<sup>4</sup> Escarpa se refere a uma elevação abrupta e bem angular do relevo;

<sup>5</sup> Andrade e Brandão (2009), p. 48;

presentes até hoje, sem falar do estilo de arquitetura das edificações, em sua maioria preservados. Além disso, todo esse histórico é um dos principais fatores que permitem que o valor imobiliário dessa área, ainda que seja uma das mais antigas, continue aumentando - contrariando a tendência.

Apesar do período instável, Andrade e Brandão (2003) sinalizam ainda que essa concentração da atividade comercial mais ao sul da cidade (Vitória) gerou outras consequências, sendo a principal delas a concentração dos investimentos urbanos e modernização nessa área mais “nobre”, agravando ainda mais desigualdades sociais entre a Salvador “europeizada” e a Salvador popular. Tal processo de segregação não apenas foi social, como também espacial, vez que em uma das áreas foi priorizado reformas, sistemas de transporte urbano e muitas outras intervenções estruturais realizadas ao longo do tempo.

No final das contas, foi mais um processo no qual pode ser constatado a atuação dos grupos de pressão mais organizados e suas influências no processo de formação urbana da capital baiana. A área correspondente hoje ao Centro Histórico e adjacências foi praticamente abandonada pelo poder público por muito tempo, sofrendo um longo e degradante processo de empobrecimento. Recentemente, no entanto, foi alvo de um projeto de revitalização - de modo a estimular o desenvolvimento local através do comércio e do turismo, mas ainda é fonte de estigmas, tendo uma boa quantidade de edificações tombadas pelo IPHAN<sup>6</sup> e pelo IPAC<sup>7</sup> e boa parte da arquitetura colonial preservada.

O fluxo migratório advindo dos países africanos, por sua vez, ainda remonte ao século XVI, gerou as principais influências no processo formação do espaço urbano de Salvador no período pós abolição da escravidão, no final do século XIX. Segundo destacado por Vasconcelos (2006), a capital baiana comportou não apenas os ex-escravizados que se encontravam na cidade antes da abolição, como também boa parcela dos que se encontravam nas regiões rurais próximas. Em seu trabalho, Vasconcelos resgata estudo feito por Donald Pierson que demonstrou, nos anos 30, a concentração de brancos nos bairros: Vitória, Canela, Graça e Barra; a concentração de mestiços nos bairros de Santo Antônio, Barbalho, Barris, Tororó e Itapagipe ; e a concentração de negros e mestiços escuros nos bairros: Mata Escura, Engenho Velho, Federação, Garcia, Quintas da Barra, Retiro, Alto do Abacaxi, Alto das Pombas, Estrada da Liberdade, Estrada da Rodagem, Cabrito, Cruz do Cosme, Matatu Pequeno.

Não coincidentemente, a estrutura urbana dos bairros predominantemente brancos foi historicamente priorizada, até hoje imóveis localizados nessas áreas são extremamente valorizados, conforme será mostrado na próxima seção.

O ponto que deve ser reforçado é que o longo período de exploração da mão de obra escravizada, seguido de um abandono da população negra, uma vez liberta, enfraqueceram de maneira substancial o poder de organização desse grupo de pressão na

6 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, autarquia federal;

7 Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, autarquia estadual;

cidade, dando margem para que o grupo mais organizado fosse privilegiado, sedimentando e ampliando as disparidades socioespaciais já existentes. Nesse sentido, a marginalização de uma parcela tão significativa da população de Salvador acabou por relegá-los à espaços menos valorizados e com menos estruturas, alimentando um ciclo de empobrecimento<sup>8</sup> e precarização de parcelas do espaço urbana da cidade.

Por fim, é necessário abordar as influências do fluxo migratório hispânico na formação do espaço urbano de Salvador. Brandão (2006), em trabalho dedicado a compreender aspectos espaciais e temporais da presença galega na capital baiana, sinaliza alguns pontos interessantes: houve um esforço da comunidade hispânica de se integrar ao cotidiano soteropolitano e isso foi de extrema importância para a dinâmica espacial estabelecida pelos galegos em Salvador. Não obstante, Brandão resgata dados do Arquivo Público do Estado da Bahia e junto à Fundação Gregório de Matos, demonstrando que os espanhóis se encontravam espacialmente dispersos por Salvador.

Os negócios de empreendedores galegos que foram surgindo depois desse momento inicial, por sua vez, foram em grande parte se deslocando para espaços que os favoreciam comercialmente, tanto do ponto de vista logístico quanto em relação ao perfil de renda da população da região.

Brandão conclui:

“Independente de quem tenha sido o primeiro a aportar no Brasil, não se pode deixar de reconhecer que o imigrante galego teve importante papel na produção do espaço soteropolitano, seja através das estratégias de ocupação adotadas pela comunidade ao longo de quase 150 anos de convivência com a sociedade baiana, seja pela dinâmica que imprimiu à economia local, notadamente no terciário” (Brandão, 2006, p. 17)

Sendo assim, a opção dos espanhóis de concentrar seus empreendimentos nas regiões mais propensas ao comércio e cuja renda da população tendia a valores mais expressos, fazia sentido do ponto de vista econômico. Entretanto, isso não os impediu de adotarem uma dispersão espacial de suas residências em Salvador, o que permitiu mais integração com os soteropolitanos. Em outras palavras, não apenas o comércio galego ganhou espaço na cidade, como também a aceitação da cidade a essa influência cultural merece destaque.

Dessa maneira, é possível constatar a influência dos fluxos migratórios na formação urbana da cidade de Salvador. Entretanto, no presente apanhado, ainda há espaço para analisar se essas heranças ainda podem ser observadas na atualidade.

## 2.4 Perfil dos Bairros de Salvador

Para fazer essa breve análise, será utilizado como base uma classificação mais apropriada para analisar o perfil de regiões de Salvador da maneira mais desagregada

---

<sup>8</sup> Vasconcelos (2006) aponta ainda que em 1953 50% da população negra ainda era analfabeta e sua presença nas universidades não chegava sequer a 3%;

possível: as UDH (Unidades de Desenvolvimento Humano). As UDHs são resultado de um processo de redefinição das territorialidades para além dos limites municipais, de modo a retratar realidades socioeconômicas da maneira mais desagregada possível. Tal iniciativa foi de extrema importância para fornecer informações o mais apuradas possíveis para o entendimento de realidades locais, facilitando a tomada de decisão dos *policymakers* e o desenvolvimento de estudos mais próximos a realidade que se busca retratar - afinal de contas, qualquer agregação implica na perda de informações<sup>9</sup>.

Existe ainda o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que é uma média composta por três indicadores: longevidade, educação e renda, se constituindo em um ótimo índice para que seja possível estabelecer as conexões entre o passado e o presente da cidade do Salvador.

Nesse sentido, o banco de dados disponibilizado pelo governo no Portal Brasileiro de Dados Abertos contém informações referentes ao censo de 2000 e relacioná-los com as regiões supracitada torna possível estabelecer uma relação entre os fluxos migracionais e a realidade atual da cidade.

Com uma passagem pelas regiões citadas em seções anteriores do presente artigo é possível estabelecer uma relação entre o fluxo migracional e a realidade atual da cidade.

A cidade baixa compreende os bairros: Boa Viagem, Bonfim, Calçada, Caminho de Areia, Lobato, Mangueira, Mares, Massaranduba, Mte. Serrat, da Ribeira, Roma, S. Luzia, Uruguai, V. Ruy Barbosa e Jd. Cruzeiro. Os IDHMs desses bairros variam de 0,542 a 0,772, mas, coincidentemente ou não, a parcela mais antiga da cidade baixa concentra os piores índices. Já os bairros da região da Vitória, de grande influência dos ingleses, alemães e franceses, se destacam dos demais da cidade, concentrando os maiores índices de todas as regiões antigas de Salvador. Vitória (0,871) e Canela/Graça (0,885) se destacam, por exemplo, de toda a cidade baixa e de todo o centro histórico, revelando as marcas das dinâmicas estabelecidas a tanto tempo. Vale, ainda, lembrar que os indicadores de longevidade, educação e renda estão intimamente ligados com a infraestrutura urbana e social dessas regiões.

Outra observação também pode ser facilmente realizada: os bairros historicamente predominado pela população negra, tendem a IDHMs menores que os demais, indicando uma negligência histórica para com essa população e com o crescimento homogêneo da cidade. Sendo possível evidenciar tal relação com uma breve comparação entre os bairros que concentravam negros e mestiços escuros (com base no levantamento destacado por Vasconcelos (2006)) e os Índices de Desenvolvimento Humano anteriormente.

---

9 ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Atlas Brasil, 2020. Disponível em: < <http://www.atlasbrasil.org.br/> >. Acesso em: 2 de ago. 2020.

Bairros	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal médio (média simples aproximada)
Mata Escura	0,634
Engenho Velho	0,686
Federação	0,687
Garcia	0,738
Quintas da Barra	0,635
Retiro	0,591
Alto do Abacaxi	0,635
Alto das Pombas	0,582
Estrada da Liberdade	0,645
Estrada da Rodagem	-
Cabrito	0,542
Cruz do Cosme	0,612
Matatu Pequeno	0,687

Quadro 01 – Bairros antigos marcados pela concentração histórica da população negra e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal médio de seus respectivos equivalentes espaciais atuais.

Fonte: Elaboração Própria.

Tendo tudo isso em vista, é possível concluir pela constatação da influência dos fluxos migratórios na formação urbana da capital baiana, com todas as dinâmicas de poder que decorreram deles.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a falta de planejamento estratégico de longo prazo, somado ao jogo de poder de diferentes grupos de pressão e as diversas demandas sociais e econômicas resultantes do processo de crescimento urbano tratado de forma desigual pelo poder público.

O ex-presidente da república na década de 50, Juscelino Kubitschek, fazia frequentemente a referência de que o Brasil era composto por “muitos Brasis” referenciando as realidades completamente distintas que ele comporta dentro de um mesmo território. No entanto, o que se pode observar é que Salvador, mesmo sendo tão comparativamente menor que o território nacional, consegue alcançar o mesmo feito: abarcar diferentes Salvadores.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano B.; BRANDÃO, Paulo Roberto B. **Geografia de Salvador**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. **Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia**. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 151-172. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702003000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 7 de agosto de 2020.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. São Paulo, SP: Malheiros Editores, 10º Edição, 1994.

BRANDÃO, Paulo R. B. **Espacialidades e temporalidades da presença galega na cidade da Bahia**. Revista do Departamento de Geografia, Salvadors. I., p. 9-19, 2006.

FERNANDES, Rosali B. **Processos recentes de urbanização em Salvador: O Miolo, região popular e estratégia da cidades**. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 523, 20 de julio de 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O imigrante espanhol no cotidiano urbano brasileiro**. Brasil 500 anos, 2020. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>. Acesso em: 4 ago. 2020.

MATOS, Ralfo. **Migração e Urbanização do Brasil**. Geografias, Belo Horizonte, jan-jun de 2012, p. 7-23.

RATTNER, Henrique. Desenvolvimento de comunidade no processo de urbanização: notas para uma crítica das teorias sociológicas do planejamento. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 16, ed. 3, 1976.

SAMPAIO, Theodoro. **História da Fundação da Cidade do Salvador**. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, 1949.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 2002.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**. Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1959.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In. : SANTOS, Milton ; SOUZA, Maria A. ; SILVEIRA, Maria L. Território – Globalização e Fragmentação. São Paulo, Editora Hucitec, 1996, p.15 a 20.

SOUZA, Nali. **Economia regional: conceito e fundamentos teóricos**. Revista Perspectiva Econômica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 11, n. 32, 1981, p. 67-102.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Pobreza Urbana e a formação de bairros populares em salvador na longa duração**. GEOUSP -Espaço e Tempo, São Paulo, No 20, p. 19 – 30, 2006.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Centro Histórico 11, 61, 63, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Cidade de cambé 11

Cidade do Rio de Janeiro 6

Cidades Brasileiras 9, 33, 34, 35, 38, 59, 82, 88, 92, 126, 132, 142, 146

Cidades Médias 9, 11, 95, 104, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 141, 142, 143, 144

Crescimento Urbano 64, 82, 86, 88, 90

### D

Desenho Urbano 148, 149

Desenvolvimento 10, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 19, 25, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 39, 53, 54, 55, 61, 63, 64, 65, 87, 88, 92, 99, 100, 104, 130, 131, 136, 140, 141, 142, 146, 148, 155, 159

Diversidade Regional 9

### E

Educação Ambiental 9, 10, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

Espaço Público 9, 39

Estudos Urbanos 126, 127, 141, 142, 144

Expansão Urbana 9, 11, 82, 83, 85, 91, 101, 146, 147

### F

Formação Urbana 10, 51, 52, 53, 56, 59, 60, 61, 62, 64

### G

Georg Simmel 11, 126, 127, 141, 144

### M

Metrópole 2, 5, 9, 56, 58, 101, 127, 129, 130, 132, 142, 143

Metropolização 9, 94, 101, 102, 104, 105, 143, 160

Migração 9, 18, 51, 52, 55, 56, 58, 65, 94, 100, 102, 103, 142

Mobilidade Urbana 9, 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10

### O

Olimpíadas 2, 6

### P

Patrimônio Cultural Edificado 9

Planejamento Urbano e Regional 2, 9, 142

Pobreza 28, 65, 85, 87, 88, 106, 107, 108, 114, 115, 121, 122, 123, 124

Política Pública 10, 1, 8, 50, 90

## **R**

Redesenho Urbano 11, 145, 148

Resíduos Sólidos 9, 36, 40

## **S**

Sustentabilidade 1, 5, 12, 26, 27, 28, 33, 34, 36, 39, 40

# Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Melhores práticas em planejamento urbano e regional 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021